

A problematização da identidade nacional portuguesa no romance *Os cus de Judas*, de Lobo Antunes.

ROMMEL, Leonardo vonPfeil. SPAREMBERGER, Alfeu.

Universidade Federal de Pelotas – lvpfeil@hotmail.com
Universidade Federal de Pelotas – berger9889@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar o processo de representação e desconstrução da identidade nacional portuguesa no romance **Os cus de Judas (1979)**, de António Lobo Antunes, publicado em um momento histórico altamente efervescente em Portugal após a Revolução dos Cravos e final do conflituoso período colonial na África.

Historicamente concebida como uma nação forjada pelas grandes glórias e descobrimentos possibilitados pelas navegações, Portugal constituiu sua identidade nacional num contexto permeado pela ideologia expansionista, que visava conquistar novas terras e espaços ao redor do planeta para o progresso e avanço da nação, valorizando sempre ideais como a bravura e a coragem.

O culto à identidade mítica nacional e o orgulho pátrio sempre permearam a cultura e o imaginário português, sendo representados também na literatura nacional, que, durante vários estágios evolutivos da História do país, privilegiou e tematizou a constante busca pelo resgate do glorioso passado, mergulhado em decadência após o final do período das grandes navegações.

A grande epopeia nacional representada nos versos épicos da obra **Os Lusíadas**, de Luiz Vaz de Camões, e em **Mensagem** e **Ode Marítima**, do poeta Fernando Pessoa, são exemplos de como o imaginário social e identitário permeavam a produção cultural e artística de Portugal, incentivando a valorização dos ideais míticos nacionais, servindo, assim, como mote para o processo de retomada e recuperação dos valores clássicos da identidade nacional portuguesa.

A narrativa elaborada por Lobo Antunes em **Os cus de Judas (1979)** subverte os ideais nacionalistas e políticos, caracterizando-se por desempenhar um papel antiépico, altamente crítico, realista e revelador do real *status* político, cultural e social de sua nação no século XX, logo após a Revolução dos Cravos, e o final dos combates da Guerra Colonial.

O romance caracteriza-se por ser um grito de “basta” aos métodos perpetrados pelo colonizador; a narrativa desempenha um papel antiépico, pois deixa de glorificar os grandes empreendimentos de conquista portugueses e critica-os duramente.

O grito de “basta” é materializado na narrativa do protagonista do romance, um médico português, recém retornado da guerra colonial em Angola, onde esteve a serviço do Exército nacional, que narra e rememora sua traumática experiência em meio ao violento conflito armado durante os meses em que lá esteve.

Através do relato do protagonista, um sujeito fragmentado pela brutal experiência da guerra, que não consegue adaptar-se aos padrões burgueses pregados pela sociedade desde sua infância e constituição como indivíduo, têm-se uma severa crítica aos ideais político nacionalistas e aos motivos que originaram e embasaram a Guerra Colonial.

Durante o processo de rememoração de passagens e experiências da infância e da adolescência, que ocorre nos primeiros capítulos do romance, o narrador tece duras críticas à sociedade burguesa e aos seus decrépitos padrões morais pregados e estabelecidos pela ditadura salazarista, que visavam sempre promover a manutenção e o estabelecimento da identidade nacional:

Mas o destroço em que se tornou o herói é o reflexo de um país que o formou e que lhe determinou a ação. A decrepitude do país contrasta com a imagem de Grande Império que se tenta manter ilusoriamente, através da figura onipresente de Salazar, da repressão praticada pela ditadura e da assunção de valores anquilosados pela família portuguesa. É dentro desse cenário que se forma o herói: vivendo sob o peso dos antepassados ilustres. (...) A personagem recebe uma educação que privilegia o moralismo, a tradição. Mas, ao cumprir o que se esperava dela, a personagem é marginalizada (GOMES, 1993, p.59).

O peso dos antepassados ilustres, a influência da família e os padrões pregados pela sociedade burguesa, empurram e incentivam o herói da narrativa para o alistamento no Exército, vendo como muito boas as expectativas de sua participação nos conflitos da Guerra Colonial em Angola, admirando a política de Estado da ditadura de Salazar.

A participação na guerra serviria como uma espécie de metamorfose, que seria responsável por transformar o ainda jovem e inexperiente médico em um “verdadeiro homem”, a fim de que pudesse tornar-se um representante digno e verídico da história familiar, portador das virtudes de seus gloriosos antepassados, ironicamente designados pelo narrador como furibundos generais participantes de “gloriosos combates de gamão e de bilhar”, falecidos antes do seu nascimento:

As tias instalavam-se a custo no rebordo de poltronas gigantescas decoradas por filigranas de crochet, serviam o chá em bules trabalhados como custódias manuelinas, e completavam a jaculatória designando com a colher do açúcar fotografias de generais furibundos, falecidos antes do meu nascimento após gloriosos combates de gamão e de bilhar em messes melancólicas como salas de jantar vazias, de Últimas Ceias substituídas por gravuras de batalha: - Felizmente que a tropa há-de torna-lo um homem. (ANTUNES, 1979, p.13)

O embarque do protagonista para a Guerra Colonial em Angola é acompanhado com júbilo e orgulho pelos seus familiares, sendo por ele descrito como um triste e cruel quadro da inoperância e submissão sociais perante os efeitos da ditadura comandada por Salazar.

Por fim, o protagonista, habitante de um espaço estritamente urbano, como a cidade de Lisboa, local em que viveu durante toda sua vida, advindo de um pequeno país na Europa, envelhecido e decadente, encontra-se desembarcado no singular continente africano, imerso em uma violenta guerra em que o Exército português travava enfrentamentos contra o Movimento Popular pela Libertação de Angola, que buscava o fim do colonialismo imposto pelo país europeu.

2. METODOLOGIA

Para a realização do processo de análise do romance **Os cus de Judas (1979)**, utilizou-se, com base na área da Literatura Comparada, a metodologia comparatista da interdiscursividade, em que, a partir da aproximação entre os discursos advindos de duas diferentes áreas do conhecimento humano, a Literatura e a História, faz-se emergir novas possibilidades de conhecimento, análise e abordagem do fenômeno literário.

Esse exercício de aproximação entre dois diferentes discursos possibilita uma melhor abordagem da obra literária, revelando suas particularidades no que tange ao processo de suspensão e desconstrução do discurso historiográfico, possibilitando novas interpretações para a cultura, história e sociedade de Portugal.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A violência, a injustiça e os horrores da guerra em Angola são retratados pelo protagonista do romance, revelando as reais condições que permeavam o processo de colonização na África, contrastando com o discurso amplamente defendido pela propaganda do Estado Novo do governo de Salazar, que vendia a guerra e a dominação dos povos africanos como uma forma de expansão e de desenvolvimento do Império português.

O fato de o narrador – protagonista ser um médico que retornou da guerra faz com que tenha-se acesso aos relatos de violência, da miséria imposta ao povo africano e da traumática e conturbada situação dos soldados que retornavam traumatizados, muitas vezes mutilados e incapazes de se reincorporarem ao convívio social de maneira natural.

Notamos que as referências aos acontecimentos do Portugal contemporâneo, como a Guerra Colonial e a Revolução dos Cravos, suscitam a problematização do país enquanto nação constituída discursivamente. Com ironia, o autor tece o avesso das “verdades” humanistas da expansão territorial e da colonização, substituindo a memória daqueles que expandiram a Fé e o Império pela memória daqueles silenciados em nome dessa memória, como os retornados da África (SILVA, 2012, p.45).

O drama dos retornados do conflito contrasta com a identidade nacional portuguesa, que pregava os ideais de força, coragem e conquista, pois muitos dos soldados que voltaram não mais se adaptaram à sociedade, assim como o protagonista do romance. Muitos soldados são acometidos por diversas perturbações psicológicas crônicas, além de conviverem com o estigma da

derrota, pois os países africanos acabaram por conquistar sua independência após a queda do regime ditatorial comandado por Salazar.

Os retornados tornam-se marginalizados pela sociedade portuguesa, pois desmerecem a mítica imagem do português heroico e desbravador dos mares. Lobo Antunes trata de aclarar essas traumáticas passagens da história nacional no decorrer do romance, questionando a identidade portuguesa e desconstruindo-a através do seu tom irônico e revelador:

Quanto ao povo português – que a sério nada conhecia do fabuloso e mágico império – só tomará realmente consciência dos acontecimentos quando após as independências de Angola e Moçambique centenas de milhares de retornados invadem de súbito a pacífica e bonacheirona terra lusitana (...).(LOURENÇO, 1992, p.63).

Eduardo Lourenço (1992) enfatiza que o retorno dos combatentes a Portugal desempenha o papel de um acontecimento revelador, pois torna visíveis à sociedade os resultados da violência dos conflitos nas colônias africanas, que antes eram mascarados pela propaganda da ditadura militar, fazendo com que, de súbito, a imagem do Portugal Império, mítico e intransponível, fosse jogada por terra.

4. CONCLUSÕES

A identidade da nação portuguesa sofre severas desconjunturas no decorrer das últimas décadas do século XX, após o final da Guerra Colonial na África, e após o fim da ditadura do Estado Novo. Tais reflexos históricos fazem com que inicie-se um processo de nova busca pela identidade nacional, pondo em jogo novamente o contraste entre passado e presente.

O romance de António Lobo Antunes situa Portugal no seu tempo presente, possibilitando outra forma de narrar a nação portuguesa, evidenciando as tragédias da guerra e dando voz aos que brutalmente foram calados pela violência colonial em prol da manutenção da força econômica e política da nação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, António Lobo. **Os cus de Judas**. / 2ª ed / Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

GOMES, Álvaro Cardoso. **Criação e Crítica: A voz itinerante**. São Paulo: Edusp, 1993.

LOURENÇO, Eduardo. **O Labirinto da Saudade**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

SILVA, A.P. “**Aprendizagem da agonia**” em **Os cus de Judas de António Lobo Antunes**. 2012. 105f. Dissertação de Mestrado em Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Viçosa.